RESENHA INFORMATIVA

O COMPORTAMENTO PROGRAMADO. A MORTE DO HOMEM.

https://doi.org/10.5281/zenodo.15306585

ANDRADE, Marcelo Pereira, Mestre*

*Faculdade de Tecnologia de Praia Grande – FATEC-PG
Praça 19 de Janeiro, 144, Boqueirão, Praia Grande/SP
CEP 11700-100
Fone (13) 3591-1303
marcelo.andrade@fatecpg.com.br

Para Heidegger, a técnica é a morte do ser. Digamos mais, a técnica antes de matar o ser o “imbecializa”, até retirar dele a humanidade por completo, ou daquilo que um dia foi conceituado por humano. A humanidade, o que isso pode significar? Um infinito modo de ser, dos quais nenhum pode intentar um reducionismo. Humanidade, nós sempre supomos tê-la. Nossa humanidade é uma invenção da qual nos orgulhamos. Não é para menos. O que designamos como humanidade, nos institui com não pouco orgulho. Afinal, seres humanos vão sempre além das evidências banais da vida cotidiana, para se tornarem, "estrelas bailarinas", como dizia Nietzsche, a respeito da potência de vontade humana. Mas o que há com esse mundo, humano?

A humanidade se tornou vítima da técnica, quando fez a si mesma de vítima. Não podemos nos enganar sobre isso. O deslumbramento diante da técnica tem uma tarefa e uma missão: encantar-nos. Num dado momento, a técnica surge. Mas, nós, que sempre sonhamos com um mundo de facilidades, não admitimos, em nenhum momento, que nossas capacidades cognitivas possam sofrer um revés daquilo que tanto almejamos um dia. Mas, em verdade, nós nos rendemos a isso. Entregamos sim tudo, como disse Walter Benjamim, trocamos todo o nosso patrimônio cultural, pela moeda miúda do atual, da técnica (BENJAMIN, 1933).

A técnica é o estágio de chegada para todos os nossos esforços intelectuais de resolver problemas. A técnica, desde os gregos, ou desde quaisquer outros povos foi a promoção do cérebro em relação à natureza. O domínio técnico é, portanto, o domínio da esfera cognitiva. Mas então, em qual momento a técnica passa a restringir nossas ações?

O que ocorre, desde a formação dos saberes, mediante a descoberta, a invenção, é a gradual incorporação dos afazeres técnicos à vida, mas de uma forma que irá minar a divergência e promover a congruência. Passamos como espécie, a colecionar modos de vida, o que incorporamos ao nosso cotidiano, sem duvidar do quanto essas rotinas, nos ajudam a viver.

Não é à toa, que o poder é amigo da técnica. Aliás, o poder político do Estado é o principal promotor da técnica, na História. Como seu maior incentivador, o poder político, que se confunde com o poder econômico, pretendeu sempre alargar o conceito de que a técnica é a forma eficiente de governar os homens. A realidade pôde então ser transformada, no espaço, por excelência, receptáculo de todas as inovações, de todas as descobertas e invenções.

A técnica é ferramental. Como instrumento de precisão, qualquer que seja o período de seu desenvolvimento, a técnica faz um resumo de todo, reduz o complexo da natureza à esquemas funcionais. Isso facilitou a vida prática, ao passo que elaborou um *modus operandi*, o da vida automática.

Aqui está a dinâmica metafísica do homem, desde Sócrates à Nietzsche, como descreve Heidegger (HEIDEGGER, 1987). A verdade, enquanto conceito socrático, já prevê esse desenvolvimento do pensamento de alto desempenho. Ciência e tecnologia são filhas da metafísica socrática. Pois não há um fora, de onde se poderia repensar esse mundo da técnica. É isso que o torna aterrorizante, na percepção de Heidegger.

"Já só um deus pode nos salvar".

Um mundo em pleno funcionamento. Um mundo repleto de orientações. Um mundo de programadores e engenheiros, que nos ensinam a viver de forma adaptada. Com a ascensão do pensamento de tradição aristotélica, a metafísica sanou todas nossas dúvidas em relação ao domínio sistemático da verdade ontológica, ao nos propor um domínio, o domínio do ôntico, isto é, o domínio dos objetos. Essa idade do ente, Heidegger quis definir como sendo a da grande proeza da tradição filosófica ocidental, desde Sócrates e que vai inabalável até Nietzsche. Aristóteles foi seu grande mentor intelectual, que nos conduziu, nos ensinou e nos habituou a pensar de uma única maneira, a maneira geométrica do cálculo racional.

O domínio ôntico pode ser concebido, como o domínio absoluto da técnica. Tudo é dotado de uma existência que se basta. O mundo das mundanidades é geométrico em todas as suas referências. Não há fora simplesmente, porque não há significado para o que não está catalogado, à moda de Aristóteles. Esse mundo pertence aos entes, coisificações que vão ocupando seus espaços em nosso, originalmente, nosso mundo. Nele, moravam homens antes, hoje moram coisas.

Dasein.

O Dasein é o ser aí, o ser de antes de tudo tornar-se significação, objetificação. Heidegger o buscou no movimento original da Filosofia ocidental, já experimentado por Descartes, para imprimir o que talvez tenha sido a crítica mais bem fundamentada e contundente da Filosofia contemporânea ao domínio do ente e da mundanidade da técnica totalizadora. Mas, o que se entende por ente? Para Heidegger, o mundo tal qual ele se apresenta, aparece como algo acabado, definido. Não se pergunta mais, pelo lugar do Ser no mundo, isso porque esse mundo está repleto de esquemas, métodos e técnicas. Mas, o Ser atravessa o tempo, não se define por qualquer ser, e sim pelo que parte do único lugar que se pode indagar algo, qual seja, da atitude filosófica primeira. Para tanto, Heidegger foi para antes de Sócrates, para os pré-socráticos.

Lá, e somente lá, a linguagem ainda não estava de todo contaminada, pois havia a poética, que se sobrepunha ao cálculo, a técnica. Quando eu pergunto pelo ser, minha pergunta deve saber, que o ser aí, o dasein, intumescido que está de sua deidade existencial, retorna ao âmago da linguagem para resgatá-la, linguagem essa que foi sequestrada pelo mundo das coisas. Resta para o ser aí, esse ser no mundo, o dasein, tornar repugnante toda a metafísica ao qual nos habituaram e a ordem universal que nos apresentaram como a da vontade de Deus, a da verdade das tais coisas em si, das ideias racionais peremptórias.

Essa metafísica, que devemos à Aristóteles foi fascinante é verdade, mas não há por que continuar crendo nela, como a verdade. A técnica e seu domínio avassalador, não nos deixa espaço de respiração. Seu domínio limita a si própria, mas ela não admite sua miséria. O mundo e seus expedientes são formas tácitas de se encarar a vida em todos os seus desdobramentos. Há expedientes técnicos para absolutamente tudo. Não somente para ocupar tecnologicamente o espaço sideral, como para a manipulação genética, mas também para as normas jurídicas e para comportamento social. As relações humanas estão infectadas pela normatização de estilos de vida.

Esquecimento do passado.

A linguagem tinha o privilégio de fazer das palavras meios mágicos, que podiam alterar a realidade. A linguagem já foi morada do ser, como afirmou Heidegger. Mas o que significa isso propriamente?

No texto civilizador mais conhecido por todos nós, a Bíblia, a linguagem é o receptáculo do sagrado, do sobrenatural. A tarefa da linguagem não é técnica, é superior ao

mundo de causas e efeitos. No mundo poético, a ideia de planejar está ausente. Adão e Eva não planejam, vivem apenas. A existência poética é a autêntica manifestação do Dasein. O instante corresponde a ouvir a própria respiração. Assim como é com os praticantes da meditação, a mente se esvazia de pensamentos, pois pensamentos remetem sempre ao ente, e então o sofrimento retorna, o compromisso, o engajamento, o caos, a contradições e o reino do desejar se encontram. Técnica e poesia não combinam.

Mundo pornográfico.

Ser prenhe de mundo, ser cheio de mundanidade, de desempenho. Bem-vindo ao mundo da pornografia. Esta é a conexão - o ser que se despede do dasein, ingressa no receptáculo do corpo biológico e faz da fisiologia seu território existencial, passa a viver numa jaula. Um dia o homem se despediu de Deus, se vestiu de mundo. Aprisionou a linguagem retirando-a do ser, convertendo-a em caracteres lógicos. A linguagem, que um dia foi morada do ser, agora é morada do cálculo. Um dia Deus morou na linguagem e junto dele estava a poesia. Foi a metafísica de Aristóteles, que conseguiu tal proeza, expulsar Deus do jardim. Assim, Aristóteles transforma Deus em conceito. Como conceito, Deus é apenas uma ideia.

Esse território ficou livre para que a pornografia ocupasse espaços.

Permêni.

Um mundo pornográfico é um mundo de permutas. Na atividade pornográfica cinematográfica ou antes dela, a gráfica, o corpo são mensuráveis em detalhes. O ideal do desempenho técnico, desse mundo de objetos (ente), não pode ser melhor visto como na indústria pornográfica. Ela agrega todas as técnicas já conhecidas. A pornografia esgota a realidade ao impor um limite, o limite do que se pode fazer com o corpo, sem o compromisso do vínculo moral. Na pornografia, exatamente como em todo mundo, a permuta é constante. O prazer não está no orgasmo, mas na permuta. Esta realidade talvez indique, da melhor forma, o ápice da metafísica aristotélica indicativa de um domínio técnico do mundo.

O que faz dessa época, a mais pornográfica de todos os tempos é a fé contemporânea nos objetos e a salvação que eles representam. O desempenho pornográfico é mecânico, assim como o mundo que o abriga. O desempenho possibilita que os músculos, a máquina corporal, os fluídos lubrificantes e a técnica dos movimentos precisos sejam captados pelas lentes das objetivas em *super motion*. Assemelha-se ao alto rendimento dos automóveis em plena velocidade.

A pornografia nada cria, é estéril. O maior ator pornográfico hoje, não fez um bebê em toda sua carreira, sua performance técnica se esgota no puro alto desempenho que termina quando atinge o ápice em frente às câmeras. É alta performance, alto rendimento, que perfaz uma racionalidade técnica, que faz todo sentido nesse mundo.

Um mundo cheio demais de objetos e objetivos.

Somos a racionalidade da obsessão, somos obcecados por objetos e objetivos. Fazemos de nossa vida um acontecimento único, permeado por uma única regra, colecionar objetos e objetivos. O dono da rede Madero de restaurantes, disse que se morrer sete mil pessoas no Brasil durante a pandemia de corona vírus, não justifica ter de parar a economia, com o fechamento do comércio. O modo de vida desse mundo da técnica, já está dominado, já possui seus donos, devemos obrigatoriamente apenas nos adaptar e seguir as regras técnicas já postas.

O mundo nos perpassa, nos atravessa tecnicamente, num devir infinito. Os objetos nos possuem e não nós a eles. No mundo real do alto desempenho, as falhas só serão admitidas se forem para prover o aperfeiçoamento dos objetos, nunca a sua rejeição. É terminantemente proibido rejeitar o uso das tecnologias que nos apresentam. Temos que dar sentido a elas, elas precisam ocupar nossos espaços, antes destinados à vida.

Ocorre que, o advento de novas tecnologias, que possam negar a racionalidade técnica que aí está, encontra-se bloqueada. A criatividade está obliterada pelo universo da totalização da história. O pensamento divergente está morto.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Ensaio – Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política, 1933. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

HEIDEGGER, Martin. Já só um Deus nos pode ainda salvar. Universidade da Beira Interior, 2009.